



*Bela Lugosi, personificando o Conde Drácula, prestes a atacar a sua vítima indefesa*

## Drácula, um monstro muito amado

Condenado à vida eterna,  
o Conde Vampiro reaparece  
sem cessar para o gáudio  
dos que apreciam  
as emoções fortes

JAMES STEWART-GORDON

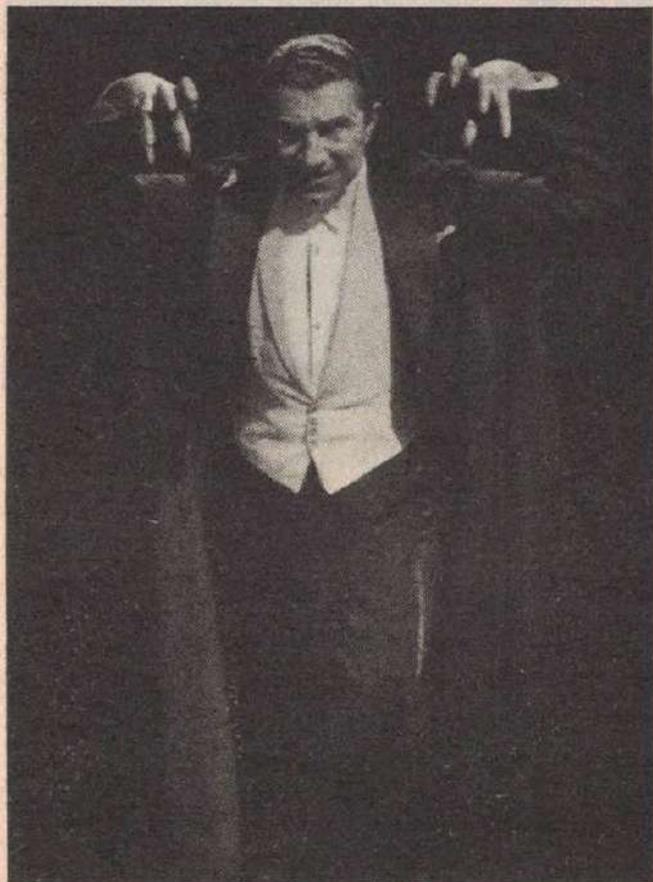
**N**UMA NOITE chuvosa de lua pálida no céu, um homem magro, de capa preta pendente dos ombros como asas de morcego gigante, chegou-se para perto, bem junto de uma encantadora jovem de cabelos muito negros, e, entreabrindo os lábios, deixou à mostra uns dentes cintilantemente brancos. Estática, a jovem esperava.

«Minha querida», murmurou roucamente, «tenho muito prazer em lhe dar um autógrafo.» Tomando o pedaço de papel que ela trazia entre os dedos, assinou

«Conde Drácula», e o devolveu. Nesse momento, a jovem desmaiou.

A multidão respirou aliviada. Todos se tinham reunido para ver o indestrutível conde (na figura do ator Christopher Lee) fazer uma aparição pessoal perto de Londres.

THE GRANGER COLLECTION



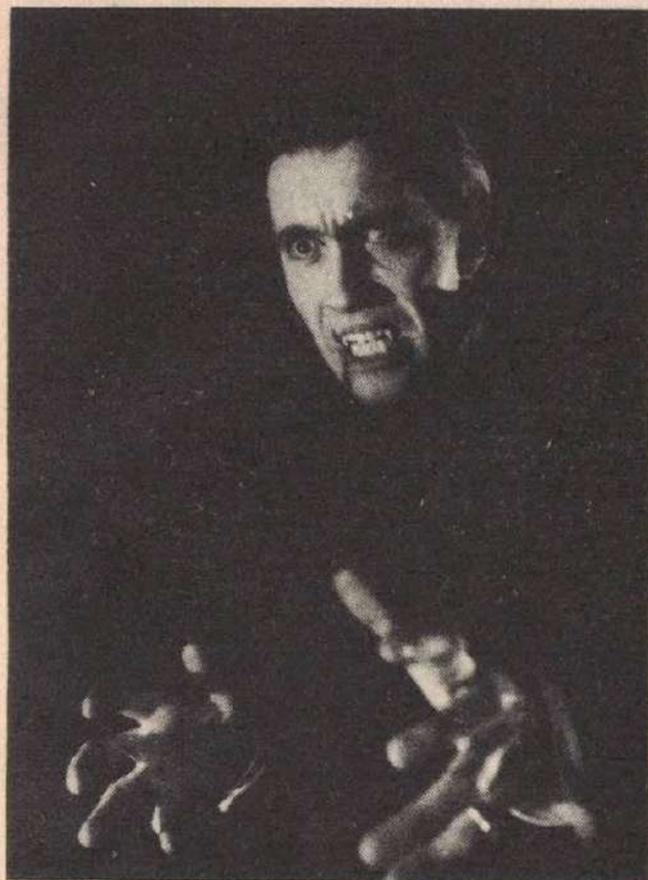
O terrível Conde noutra pose apavorante

Suspirando, um dos presentes disse ansiosamente à esposa: «Eu esperava no mínimo que ele fosse morder o pescoço dela.»

Desde que surgiu pela primeira vez, em 1897, como vilão no livro *Drácula*, de Bram Stoker, o Conde Drácula tornou-se a base de uma indústria de teatro, cinema e publicidade, que se projetou nos arcos como um morcego, vindo já se

sabe donde. Considerada a maior história de terror de todos os tempos, o livro está em sua 28.<sup>a</sup> edição na Grã-Bretanha e na 43.<sup>a</sup> nos Estados Unidos, tendo sido traduzido para 44 línguas. Ruidoso sucesso no palco desde quando, em 1924, começou a ser encenado na Grã-Bretanha, a peça, este ano, está sendo revivida na Broadway. Para os saudosistas, a presença de Bela Lugósi, que apresentou o aristocrático vampiro aos espectadores norte-americanos em 1927, ainda encarna o papel que representou 1.300 vezes. Seu filme, estreado no Roxy Theater de Nova York em 1931, aterrorizou duas gerações nas salas de cinema e trouxe calafrios de prazer a uma terceira geração, que o viu na televisão altas horas da noite. Desde então, as produções de *Drácula* e filmes de vampiros que derivaram dele chegam a mais de 200, em quase todas as línguas existentes, incluindo o tagalog, das Filipinas.

Contudo, do outro lado da Cortina de Ferro, na Transilvânia (hoje fazendo parte da Romênia), terra natal do conde, não são permitidos nem o livro nem os filmes ocidentais nele inspirados. Devido à aclamação do mundo, o conde tornou-se, todavia, uma fonte de renda nacional. Em 1974, o Departamento de Turismo da Romênia levou 150 mil visitantes ao «Castelo de Drácula», pequena mas impressionante construção em ruínas que se encontra situada nos legendários montes Cárpatos.



Um Drácula contemporâneo, retratado por Christopher Lee

Os romenos dizem que o Drácula histórico foi Vlad Tepes, ou Vlad o Empalador, cujo apelido «Drácula» significa «Filho do Diabo», no dialeto local. Príncipe da Valáquia (principado a sueste da Transilvânia), Vlad morreu há 500 anos, e hoje é considerado herói nacional devido à sua resistência aos turcos. Contudo, segundo as crônicas romenas, Vlad, até sua morte, aos 45 anos, matou 100 mil pessoas, ou seja, 20% do seu povo. Especializou-se em empalar inimigos – e até mesmo seus amigos, cada vez mais reduzidos.

O Conde Drácula da ficção foi criado por Bram (diminutivo de Abraham) Stoker, um irlandês de

barba ruiva, nascido em 1847, em Dublin. Foi funcionário do Ministério Público da Irlanda. Trabalhador incansável, também fez a compilação, num só livro de referências padronizado, do vasto *corpus* de direito medieval e contemporâneo adotado nas cortes irlandesas.

Freqüentador assíduo de teatro, Stoker veio a ser mais tarde gerente da companhia londrina de Sir Henry Irving, a figura dominante do palco inglês no período vitoriano. Foi ali que ele observou a maneira como Irving retratava o principal (e lendário) personagem da peça *O Navio Fantasma*. O navegante holandês da obra, como o Conde Drácula, estava condenado à vida eterna. Alto e magro, Irving desempenhava o papel com olhos ardentes numa face pálida, que sugeriram a Stoker o rosto que, mais tarde, atribuiu a Drácula.

Enquanto superintendia aos negócios de Irving, Stoker encontrou tempo para estudar direito e tornar-se advogado. Também escreveu cinco livros e várias histórias fantásticas e de ficção. Depois, fundindo elementos do folclore vampiresco e romances góticos, como o *Frankenstein*, e mesmo um pouco de Sherlock Holmes, Stoker urdiu sua grande história de terror. Em suas pesquisas, foi auxiliado por um amigo, o Prof. Arminius Vambery, de Budapeste (transposto para o livro como Prof. Abraham van Helsing), que lhe contou histórias de sua Hun-

gria natal e da crença lendária nos vampiros. Também mencionou Vlad Tepes. Por ter gostado do som do apelido (Drácula), Stoker decidiu usá-lo para nome de seu conde vampiresco.

Como ambiente, a Transilvânia, na Romênia Central, soava romântica e longínqua. Também transformou o Passo de Borgo, outro lugar real, no local onde seu herói, Jonathan Harker, depois de jantar no Hotel Golden Krone, iria ao encontro do conde. A esposa do hoteleiro pede a Harker para não ir, referindo-se a coisas terríveis que se passam naquelas paragens. É assim que tem início a grande e terrível história, seguindo-se a sangrenta viagem de ida e volta do conde até Carfax, uma propriedade arruinada, nas imediações de Londres.

O livro se esgotou quase imediatamente. Interrogado por um seu amigo como pudera conceber tais horrores, Stoker respondeu: «Bem, uma noite eu comi uma travessa de caranguejo com tempero de mais e, naturalmente, tive pesadelos — então, escrevi o livro.» Na verdade, ele o escreveu durante umas férias de verão, na selvagem costa escocesa. Até morrer, em 1912, aos 64 anos, por excesso de trabalho, Stoker produziu livros e ensaios, mas nenhum voltou a obter o sucesso de *Drácula*.

Embora vários romancistas tivessem tentado adaptar *Drácula* para o teatro, ninguém conseguia acertar, até que Hamilton Deane,

ator, diretor e amigo de família de Stoker, apresentou sua versão. Depois do sucesso inicial em Londres, em 1927, Deane encontrou uma acolhida publicitária que lhe garantiu o futuro.

Interrogado por um amigo, que tinha assistido arrepiado à peça, sobre se havia assistência médica para o caso de algum dos espectadores precisar dela, Deane imediatamente ligou para o Hospital Queen Alexandra, e contratou uma enfermeira para ficar andando por entre as filas de poltrona, durante as representações. Uma noite, desmaiaram 29 pessoas que assistiam à peça. Uma senhora em estado interessante teve um bebê prematuro. Ver *Drácula* tornou-se um teste para nervos de aço: a bilheteria era assaltada por todos os que queriam provar sua resistência.

Quando o editor nova-iorquino, Horace Liveright, levou a peça para ser encenada nos Estados Unidos, Bela Lugósi foi lançado como o conde terrível. Lugósi era alto, tinha traços clássicos (embora sinistros) e um sotaque húngaro que fazia a palavra «Transilvânia» soar como uma ameaça velada. Tinha também *sex appeal*. A partir do momento em que pisava o palco, envolto em sua capa negra, uma ameaça pairava no ar. As mulheres que, em tese, deveriam ficar mortalmente aterradas, o achavam irresistível. A correspondência das fãs aumentava sem cessar, as mulheres ofereciam seus pescoços de cisne para o prazer de uma dentada.

Obviamente, Drácula era material para cinema, e o ator desempenhou duas vezes, em filme, o papel de vampiro. Quando morreu, em 1956, Lugósi foi sepultado com a capa de Drácula.

Em 1958, a Hammer Films da Grã-Bretanha achou que já era tempo de ressuscitar Drácula, e escolheu Christopher Lee, ator de porte atlético, 1,95 m de altura, para fazer o papel do conde. O novo filme alterava um tanto a personalidade de Drácula: a ênfase já não estava mais no olhar sinistro, fulminante, do centro-europeu Lugósi; ia agora para o tipo acrobático de Lee, à maneira de Douglas Fairbanks. Além disso, as vítimas femininas de Drácula, depois de transformadas em vampiros, conseguiam (a despeito de sua ampliada capacidade dental) parecer realmente muito voluptuosas. O *Horror de Drácula* prometia na verdade um sucesso palpável, e a Hammer Films produziu, desde então, dez versões das aventuras do conde.

Há pouco tempo, decidi ir de carro de Londres até Purfleet, no

Essex, local da fazenda em ruínas de Carfax, onde há 78 anos o Conde Drácula, tendo deixado a Transilvânia, estabeleceu residência na Grã-Bretanha para aí fazer sua sangria. Já estava escuro e havia neblina quando, finalmente, cheguei ao pequeno hotel, na região pantanosa do estuário do Tâmisa. Depois de jantar, fui andando até os limites da cidade. Por ter lido *Drácula*, eu sabia que Carfax, inventado por Stoker, devia ficar à minha esquerda, e estava decidido a verificar se havia algum marco que pudesse reconhecer pela leitura do livro.

O nevoeiro quase tinha encoberto a estrada, e sebes altas enchiam o campo. Depois, a neblina tornou-se mais espessa, e um objeto esvoaçante, solitário, precipitou-se e ziguezagueou no pálido luar. Um morcego! Desistindo da idéia, voltei para a cidade, para meu quarto, e tranquei a porta para dormir. Meu coração pulsava, e me lembrei das palavras que encerram a peça «Drácula»: «Durmam bem, mas não se esqueçam de que essas coisas *existem*.»



AQUELE que nada sabe, e não sabe que não sabe, é tolo – evita-o.  
 Aquele que nada sabe, e sabe que nada sabe, é simples – ensina-o.  
 Aquele que sabe, e não sabe que sabe, dorme – desperta-o.  
 Aquele que sabe, e sabe que sabe, é sábio – segue-o. – Provérbio árabe

«EU SOU inteiramente a favor do movimento de libertação da mulher», declara o colunista Sydney J. Harris, «mas gostaria que elas atravessassem depressa este período crítico em que deixaram de ser senhoras e ainda não se tornaram cavalheiros.»

– F. N.